A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Vae uma grande azafama, desusada e estranha, na capital d'estes reinos. A reportagem lisboeta não tem mãos a medir. O nosso theatro lyrico, illuminado em festa, apresenta um aspecto sorridente. O Valdez emmagreceu de jubilo. O *dilettantismo* nacional enverga a casaca irreprehensivel das grandes solemnidades ruidosas, e enrouquece na emissão ininterrompida dos seus *bravos* mais vibrantes.

E' uma doidice, um delirio, uma nevrose, a nevrose do enthusiasmo, o delirio do contentamento. Anda tudo doido, os *reporters* e os emprezarios, os *maîtres d'hôtel* e os biographos, os noticiaristas e os cocheiros, o Manci-

O CONEGO ALVES MENDES

nelli e o Carvalho Ratado. No mundo da arte e no mundo da elegancia não se dorme. Nos dominios do jornalismo não se repousa. Nas cosinhas do Matta não se descança. E' que a Patti chegou, é que, afinal, chegou a Patti!

Uma rainha que viesse visitar-nos, não provocaria esta loucura. Uma princeza illustre, que se lembrasse de atravessar o nosso territorio, não seria recebida com tamanha solemnidade. As despezas a fazer n'um proximo casamento principesco, regateiam-se e discutem-se. Ha quem pretenda reduzir a esportula do padre celebrante, os emolumentos do sacristão, os gastos do enxoval e a verba dos foguetes.

As despezas que a vinda da Patti occasiona, essas não se discutem; pagam-se á bocca do cofre, com um sorriso de satisfação nos labios. Se ella quizer mais, para encher os bolsos do Nicolini bem amado, dá-se-lhe. A ordem é rica, e quando se trata de proteger *divas* exoticas, não ha ahi quem não faça das fraquezas forças, embora fique de todo arruinado ou tenha de recorrer á *philanthropia* do Monte Pio Geral.

Não vão, agora, suppor que estas minhas palavras envolvem uma censura proudhomesca. Cada qual tem a liberdade amplissima das suas acções, e pode fazer o uso que quizer do seu dinheiro. Eu mesmo, que sou adverso, *in petto*, a todas as explorações por grosso, dos Schurmanns aventureiros, e que condemno nas Pattis a sua soffreguidão do ouro, a sua insaciabilidade do vil metal luzente, sinto-me tocado pela febre que hoje abraza meia Lisboa, não resisto ao contagio da nevrose que agita o nosso *dilettantismo*. E' que o prestigio do talento impõe-se, a quem tem a desgraça de ser um poucochinho artista, embora os processos da especulação lhe repugnem. E' que o genio, quando esplende em todas as suas manifestações grandiosas, deixa escondido na sombra o que é ruim e torpe, para que ninguem possa ir descobril-o.

A Chronica desadora a Patti pelo que ella tem de mesquinha como mulher, condemna-a pela sua sede devoradora de riquezas, pelas altas sommas em que cota o seu talento prestigioso e pelo desamor com que repelle a desgraça, quando a desgraça vae mendigar um obulo diante da *étalage* dos seus thesouros principescos. Mas essa antipathia instinctiva por tudo quanto é avarento e sordido, não a impede de desfolhar flôres na passagem da grande artista e de juntar os seus bravos aos da multidão irrequieta e palpitante que a saúda.

Como veem, a Chronica está muito longe de ser pessimista, intransigente, rancorosa. A sua admiração pela Adelina cantora fal-a suffocar uns pequeninos odios pela Adelina mulher, e impelle-a, como o mais enthusiasta das *reporters*, até aos aposentos da *madonna*, onde ha um perfume estonteador de violettas e de essencias caras, uma atmosphera saturada d'aromas finos e embriagantes.

Aquelles aposentos, dignos d'uma rainha, são no andar nobre do Grande Hotel de Lisboa. A vasta escadaria, que nos conduz até ali, foi toda alcatifada de novo. Vazos com plantas e arbustos d'um verde primaveral, guarnecem-n'a de cima a baixo, em duas filas magestosas.

A sala de recepção, que precede os quartos particulares da *diva*, tem o tecto adornado de pinturas alegres, e recebe o sol festivo de março por tres amplas janellas, que são, desde quinta feira, o alvo dos olhares da visinhança. Ao fundo, tem um sophá e tres *fauteuils*; ao centro, uma mesa circular, com tapete, sobre a qual se veem, em salva de metal, bilhetes de varios visitantes. O resto da ornamentação compõe-se d'um espelho, d'um *console*, d'alguns quadros e d'um magnifico Pleyel, sempre aberto.

N'outra sala vê-se um bilhar. E' a distracção predilecta da *diva*. Joga todos os dias a *russiana* com Nicolini, depois do jantar, e nunca perdeu, diz-se. Desconhece este verbo, inventado pelos desfavorecidos da sorte em horas de amargura e de tumbice.

Nos quartos particulares não entrámos. Foram cuidadosamente vedados á curiosidade dos profanos. E' ali que ella guarda os seus thesouros, as suas joias, é ali que ella esconde os seus pequeninos idyllios com o feliz substituto do marquez de Caux.

Que de coisas mysteriosas aquellas paredes terão visto e aquelles espelhos terão reflectido no seu crystal indiscreto!

Eram quasi sete horas da manhã de quinta feira quando a *estrella* chegou ao hotel. Pediu um copo d'agua tepida e deitou-se. Ao meio dia almoçou, e em seguida ao almoço, um delicioso pequenino banquete com vinho de Sauterne, foi ver, em carruagem descoberta, o esplendido panorama do Tejo. A' noite, depois do jantar, sahiu de novo com Nicolini, a pé. No dia seguinte, passeiou em *landau* até Queluz. Achou o passeio delicioso, o ar embalsamado, o Tejo formosissimo, o clima suave e adoravel, a Avenida encantadora e a corista gorda muito feia.

Hoje, á hora em que mando para a typographia estas notas dispersas, não sei ainda o que fez a famosa Adelina. A' noite, segundo todas as probalidades, irei ouvil-a no *Barbeiro*, para depois vir fazer te o *compte-rendu* d'aquella festa, para em seguida poder dizer-te se a voz da Patti, exaltada por todos os criticos musicaes do mundo, tem as seducções irresistiveis do cantico do rouxinol e merece ser paga a pezo de ouro, como qualquer maravilha preciosa e rarissima.

Emquanto não fallo da cantora, duas palavras ácerca da mulher.

Adelina Patti é *mignone* e elegante, de physionomia expressiva e sympathica. Parece ter apenas trinta annos, e avantaja-se em formosura a todos os retratos que por ahi vemos d'ella. No seu rosto oval, d'um branco finissimo, brilham, com fulgurações d'estrellas, os olhos negros, muito vivos e penetrantes. A bocca pequena, de creança, bem delineada e correcta, mostra-nos uns dentes alvos como a neve, quando se descerra em sorrisos graciosos e estonteadores. Na sua formosa cabeça d'artista, de linhas puras e elegantes, reflecte-se um talento colossal e previlegiado.

Ahi tens a mulher, o prodigio, o assombro que o Valdez vae hoje mostrar-te em S. Carlos, ahi tens a creatura extraordinaria que, durante a sua carreira de triumphos, fez, mais d'um vez, palpitar d'amor o coração de reis e principes.

C. D.

DIVAN

Quando ás vezes repouso, em horas de descanço,
N'um enorme divan de flacido espaldar,
Minh'alma dilatada embebe-se de manso
Em largas vibrações de luz crepuscular.

Assim sobre o regaço electrico, fremente,
D'uma mulher gentil, no dia mais calmoso,
Dormita sensual,—morno pachá do Oriente—
Um gato luzidio, electrico, nervoso.

Guerra Junqueiro.

ESPIÕES E FACINORAS

N'esta rapida noticia que estamos dando dos tormentos que na torre de S. Julião padeceram os presos liberaes, vamos procurando principalmente recompôr o quadro d'esses horrorosos carceres, onde se desenrolou durante cinco annos o mais lugubre drama, onde consumiram os mais floridos annos da sua mocidade tantos rapazes intelligentes e vivos, que uma perseguição atroz sequestrava subitamente do mundo para os sujeitar a uma claustração odiosa, onde passaram emfim as ultimas horas da sua existencia homens como Borges Carneiro, que depois de uma vida illustrada por tudo quanto tem de mais fascinador a gloria, iam esperar a morte n'essa ante-camara do tumulo, que tinha um ante-gosto de Purgatorio.

Mas o quadro desenhamol-o a traços rapidos.

Recompomos não todo esse mundo de algozes, que se agitava em torno das suas victimas, mas os typos principaes. Vimos o chefe, o carrasco supremo, Telles Jordão, um Marat do despotismo; vimos o typo caracteristico dos seus satellites, o alferes Maia; indicámos de relance a figura abjecta do major Sodré Não nos demoraremos em retratar os outros, que todos mais ou menos se modelavam pelo mesmo typo, que todos procuravam a cada instante insultar, affligir e incommodar os presos. Vamos indicar agora uma outra cathegoria de algozes—os companheiros de prisão.

O que mais indignava e revoltava os presos liberaes era o vêrem-se confundidos no mesmo carcere, no mesmo convivio, com os criminosos mais abjectos, com os que eram punidos por delictos communs. Os tyrannos mais implacaveis podem infligir as maximas torturas áquelles que commettem delictos de opinião, mas sempre distinguem entre esses crimes e os crimes abominaveis que inspiram tedio e horror. Telles Jordão não o entendia assim; o seu rancor sinistro pelos liberaes chegava a ponto de entender que tão odioso era o crime que elles commettiam, ousando discordar dos principios que deviam, no seu modo de vêr, reger Portugal, como o que commettiam outros, assassinando e roubando. Por isso, não hesitava em confundil-os uns com os outros, e, se alguma differença entre elles estabelecia, era para tratar com mais deferencia os assassinos e os ladrões.

N'essa promiscuidade, demais a mais, encontrava elle uma vantagem importante: o ter dentro dos carceres espiões, que nunca poderia encontrar, se os presos politicos estivessem sós uns com os outros.

O typo principal d'esses sinistros companheiros de carcere que os liberaes tiveram, foi um João José dos Reis, valido de Telles Jordão, homem, porém, que tantos crimes commettera, que o governador não podia deixar de o ter n'uma das prisões mais rigorosas.

Vejamos o homem:

João dos Reis Leitão fôra soldado de infanteria 5, desertára e praticára varios crimes. Apezar de serem elles bastantes para o levarem á forca, segundo a jurisprudencia d'esse tempo, teve protectores que o livraram, sendo condemnado a trabalhos publicos por toda a vida para Angola.

Estando preso no castello, arrombou a porta do carcere, e fugio com outros companheiros. Só esteve livre quinze dias, que aproveitou bem, commettendo novos crimes. Preso de novo na fronteira de Hespanha, trouxeram-n'o para as enxovias do Limoeiro. Alli assassinou um companheiro de prisão, cognominado o *Ferro*, e tempos depois assassinou ou fez assassinar á cacetada outro preso. Teve a impudencia de organisar na prisão uma especie de tribunal, que condemnou o infeliz á morte, sentença que foi logo executada.

N'um tempo em que era tida em tão pouca conta a vida do homem, parecia que João dos Reis Leitão devia ter sido enforcado umas poucas de vezes. Engano! a forca n'esse tempo estava erguida apenas para os condemnados politicos.

Limitaram-se a mettel-o no segredo, e, como elle um dia, tendo apanhado uma faca e tendo logrado escapar-se, espalhou um verdadeiro terror no Limoeiro, sendo necessario fazerem-lhe os guardas uma verdadeira montaria para o tornarem a apanhar, mandaram o homem para a Torre, onde entrou amarrado como uma fera, sendo logo conduzido para o segredo.

Pois bem! esse homem, que assassinava os seus companheiros de prisão, e que por isso era mettido no segredo e declarado incommunicavel, quando os seus companheiros de prisão eram assassinos e ladrões, foi collocado na torre de S. Julião em odiosa promiscuidade com os presos liberaes, com homens dignos e honrados! O alferes Maia foi quem primeiro o aproveitou para isso.

Quando queria castigar algum preso, mandava-o para a prisão onde estava o Reis! Estes homens resuscitavam todo o genero de tyrannias e de torturas. Como os Romanos atiravam os christãos ás feras, atiravam aqui os liberaes para o antro de João dos Reis. O que parece impossivel é que este tigre não désse cabo dos companheiros que lhe enviavam.

A sua estupidez não lhe permittia talvez perceber o fim que tinham em vista os carcereiros, e como tratava com homens de espirito superior ao seu, gente bem educada e de fino trato, que o não provocava, antes procurava tratal-o bem, deixava-os em paz.

Um dia emfim foi o proprio Telles Jordão mettel-o n'uma das prisões communs. Agora já elle começava a perceber que o queriam utilisar. Estivera na hospital, onde o tinham tratado excellentemente. Cuidavam d'elle como se cuidava das feras que tinham de dilacerar nos circos as carnes palpitantes das victimas devotadas ao sacrificio. Os presos, ao verem entrar o João dos Reis, protestaram energicamente, e Telles Jordão, temendo ir muito longe, reconsiderou e mandou-o para outro carcere.

Durou pouco esta consideração. O João dos Reis ia decididamente ser aproveitado. Estava na torre já quasi em liberdade, Permittiu-se-lhe trabalhar pelo seu officio de sapateiro, pretexto para elle poder ter as ferramentas necessarias, que podiam ser n'um momento dado os instrumentos dos seus crimes. E entretanto, os presos politicos nem um canivete sequer podiam ter.

O Reis saia e ia embebedar-se, e voltava n'esse estado para a prisão. Um dia deu-se um conflicto serio. O facinora bebado ia matando um preso politico, Loureiro Krusse, vice-consul da Suecia em Faro, que foi salvo por outro preso chamado Mimoso, que atirou com um banco á cabeça de Reis. Este, com uma navalha em punho, queria vingar-se, mas ia-lhe saindo cara a tentativa, porque os liberaes estavam resolvidos a defender-se energicamente, e alguns presos por delictos communs, mettidos alli talvez para o auxiliarem, tomaram pelo contrario o partido dos liberaes. Esta scena foi comtudo revoltante, porque, vindo Telles Jordão e sabendo do que se passava, castigou os aggredidos mandando-os para o segredo, e deixou o Reis livre. Este, animado pela impunidade, chegou, na presença de Telles Jordão, a querer esfaquear os outros, e continuou impune.

Telles Jordão gabava-se d'isso mesmo, dizia que havia de obrigar todos a tratarem bem o Reis, que era um realista, que fôra assassino, ladrão, e libertino, mas que ainda mais libertinos, mais ladrões e mais assassinios eram os liberaes.

Este Reis, um outro facinora chamado Caleça e um tal Branco, que explorava odiosamente os presos, eram os instrumentos predilectos de Telles Jordão. O Reis tinha perfeitamente ataques de furia, e na prisão em que estava todos tremiam d'elle. Uma vez desatou á bofetada ao pobre desembargador Silvino de Aguiar, outra vez espancou de tal forma um desgraçado trabalhador chamado Torga, que o homem foi-se metter, todo ensanguentado, debaixo da tarima. Acudio Telles Jordão, e o infeliz ainda foi removido para o segredo, e com elle outros presos que João dos Reis indicou.

Tinha idéas estravagantes, e em tudo lhe deviam obedecer, senão choviam os castigos infligidos pelo governador da Torre. Uma vez metteu em forma treze presos, e esteve-os a fazer marchar na prisão umas poucas de horas a fio, dando vozes de commando, e sem consentir que elles descançassem. Outras vezes, alta noite, mandava levantar os que estavam deitados, e contava-lhes a historia dos seus assassinios.

Os prezos supportavam tudo resignados, porque tinha penetrado no seu espirito a convicção de que o governador da Torre tudo isto consentia para ver se fazia com que elles perdessem a paciencia, se atirassem ao Reis, e provocassem algum motim que elle podesse alcunhar de revolta, tirando d'ahi pretexto para dar algumas descargas nas masmorras, procedendo assim a uma execução summaria.

Parecia que era este effectivamente o seu pensamento, porque, tendo o Reis commettido muitos desatinos sem chegar nunca a matar pessoa alguma, nem a provocar sérias resistencias, decaio das boas graças do governador, que o começou a tratar com aspereza. O Reis então não hesitou em declarar que d'elle recebia ordens mais violentas. Isso não o impediu de estar tambem mettido no segredo, mas voltou-se ao mesmo tempo ao antigo systema de se lhe mandarem para companheiros os que Telles Jordão queria aviltar e punir asperamente.

Assim, foram seus companheiros no carcere os Francezes Sauvinet e Bonhomme, por cuja causa vieram a Lisboa os navios de guerra do almirante Roussin, mas João dos Reis parece que teve um presentimento, porque lhes não fez mal. Nem elle fazia grandes tropelias senão quando estava bebado.

Outro d'esses facinoras era, como dissemos, o Caleça, que tambem batia nos presos á sua vontade.

Outro era um Branco, espião infamissimo, que extorquia aos presos quanto dinheiro podia, e que os denunciava quando elles não lhe queriam dar todo o dinheiro que elle exigia. Assim que o pobre Bento Pereira do Carmo, que foi depois ministro no regimen constitucional, porque não quiz que o Branco lhe fornecesse a comida, foi transferido para a terrivel prisão onde estava o João dos Reis.

Com officiaes como o alferes Maia e Velez, Carvalho etc, etc, com facinoras e espiões como o João dos Reis, com um despota brutal e insensato á frente d'elles, imagine-se o que seria o regimen da Torre. Aggravava-se de dia para dia. A' medida que o governo se sentia menos seguro, recrudesciam as violencias.

As queixas que se formulavam contra Telles Jordão perante os ministros, de nada valiam. Animado com essa tacita annuen-

cia, Telles Jordão julgou-se o mais forte esteio do throno de seu rei D. Miguel. A sua brutalidade não teve então limites.

PINHEIRO CHAGAS.

A TUA VOZ

Ao passar por debaixo da janella,
Estavas a cantar;
E a tua voz, melodiosa e bella,
Imitava da casta philomela
O doce chilrear.

Além, brilhava a lua crystallina
Subindo n'amplidão;
E a tua voz, sonora e diamantina
Evocava em minh'alma uma divina
E magica visão.

Cantavas uma lyrica ballada
Tão cheia d'emoções,
Que a tua voz virginea, avelludada
Tremia, ao proferir, apaixonada
As timidas canções.

Detive-me debaixo da janella
E puz-me a escutar;
Mas essa voz, melodiosa e bella,
Que imitava a da casta philomela,
Parou no seu cantar...

Ao mesmo tempo, um rosto angelical,
Sorrindo me appar'ceu.
Mas com um sorrir tão triste e virginal,
Como a pomba que carpe no trigal
O filho, que morreu...

Ao longe, sussurrava o vago Eólo
Nas folhas d'um jardim.
Eu ficava-me extatico no sólo,
Vendo-te as tranças fluctuar no côllo
De limpido jasmim...

Ao passar por debaixo da janella,
Estavas a cantar...
E a tua voz melodiosa e bella
Imitava da casta philomela
O doce chilrear!...

Porto. M. OSORIO.

D. MARIANNA ALCOFORADO

1663—1668

Existiu, ou não existiu esta sympathica freira? Escreveu, ou não escreveu, as celebres *Cartas de uma religiosa portugueza*, que tão proverbial tornaram na Europa a sensibilidade de coração das nossas compatriotas?

Temos presentes todas as peças do processo, excepto a principal, as cartas originaes de Marianna Alcoforado, que nunca ninguem viu, e que os bibliophilos de profissão perderam já toda a esperança de vir a encontrar.

Escreveria originalmente a freira de Beja as suas cartas em francez, e serão essas, as mesmas cartas, a que o seu pouco delicado amante deu publicidade, pela basofia de haver inspirado o mais fervoroso amor que jamais alvorotou um coração de mulher?

Não sabemos. O que é certo, e ainda ninguem se atreveu a contestar, é serem as «*Cartas de uma religiosa portugueza*» o mais perfumado ramalhete de goivos e saudades, que nunca mão feminina mais formoso entreteceu, nem mais puras lagrimas orvalharam, nem mais ferventes beijos sellaram com o cunho de um verdadeiro affecto.

Como foi o caso? Diz a tradição, nos amores romanescos vem sempre a tradição confundir-se com a historia, que pelos annos de mil seiscentos e tantos havia em Beja um convento de freiras Franciscanas, algumas presas ao epilogo do decalogo, amar o proximo como a si mesmo; outras, é de crer que poucas, que ao destoucarem-se do veu, e ao verem-se em plena primavera, se deixavam ir em espirito para fóra das grades do mosteiro.

Foi isto o que por seus peccados aconteceu a D. Marianna Alcoforado, deixando-se tomar de amores por um joven official francez, que a Portugal viera com o conde Schomberg, e a quem, isto dil-o a historia e não a tradição, a vida dos acampamentos embotára a sensibilidade, se é que, rombo de entendimento, como affirma um seu contemporaneo, o homem prestasse para tudo, menos para dar culto á belleza e ao amor. Em breve verêmos que o militarão era mais talhado para as armas do que para as lettras e para os suaves affectos do coração.

Chamava-se o perturbador do socego d'alma de D. Marianna Alcoforado, Noel Boutan de Chamilly, conde de Saint-Leger. Ahi vae o retrato que d'elle nos deixou o duque de Saint-Simon, e que não justifica a ardente paixão que elle soube inspirar á exaltada freira franciscana.

«Era, diz de Saint-Simon, um homem alto, gordo, o melhor dos homens, o mais bravo, e o mais temente aos principios da honra; mas tão estupido e tão bronco, que mesmo não se entendia que podesse possuir alguns talentos para a guerra.»

Ora um homem gordo, e ainda por cima bronco, em boa rasão parece que não deveria ter inspirado palavras de uma tão pungente desesperação como estas:

«Abatida por tão violentas commoções fiquei mais de tres horas sem sentidos: luctei contra vida que eu devo perder por ti, já que não posso possuil-a para ti.» (a)

Quando a pobre D. Marianna escrevia estas, e outras ainda maiores tristezas, mal suspeitava ella que a posteridade a espreitava já, estimulada pela feia inconfidencia do amante, que entregava á publicidade as suas cartas, mandando-as traduzir, e senegando por cautella as respostas, que de certo devia conservar em seu poder, por não ser elle homem capaz de escrever sem rascunho, e menos ainda de se elevar ás alturas epistolares da sua tempestuosa correspondente.

A primeira edição das «Cartas da religiosa Portuguesa» como affirma o sr. Eugenio Asse, auctor da noticia que precede a ultima edição franceza de 1873 (b) foi feita em 1668, quasi em seguida a ter Chamilly voltado a França, sem dar tempo a que a religiosa portugueza enxugasse as lagrimas, que por elle chorava ainda, na estreita cella de um mosteiro de provincia, abandonada dos confortos que dá a esperança na retribuição de um affecto.

A' primeira edição das «Cartas de uma religiosa portugueza» seguiram-se muitas outras quer em França, quer na Hollanda, que os dados á bibliographia podem encontrar ennumerados no já citado livro do sr. Eugenio Asse, que em alguns pontos duvidosos consultou o sr. Ferdinand Denis, o estrangeiro que mais se tem dedicado ao estudo de assumptos litterarios portuguezes.

Não entra no plano d'este artigo fazer erudição de torna-viagem, e basta portanto que se saiba que só em 1810, foi que mr. Boissonade publicou no «Journal des Savants» a seguinte nota ácerca das «Cartas da religiosa portugueza».

«No meu exemplar das cartas portuguezas de 1669 existem escriptas estas palavras com letra que me é desconhecida: «A religiosa que escreveu estas cartas chamava-se Marianna Alcoforado, religiosa em Beja, entre a Estremadura e a Andaluzia. O cavalheiro a quem estas cartas foram escriptas era o marquez de Chamilly, então ainda conde de Saint-Leger.»

Na introducção ás quatro cartas traduzidas por Lopes de Mendonça, e publicadas na «Semana», lêem-se em seguida á transcripção da terminante declaração de Boissonade, estas singellas declarações:

«Rara e notavel coincidencia! Em 2 de novembro de 1612 um pagem d'este appellido (Alcoforado) era victima do cego ciume de D. Jayme, duque de Bragança: quasi dois seculos depois uma pessoa de sua familia estiola-se n'um convento, devorada pelas agonias da saudade, e pela chamma de um affecto invencivel e fatal»

Um escriptor francez da mais espirituosa veia, o já citado duque de Saint-Simon, encarregou-se, sem o pensar, de vingar as offensas feitas á religiosa portugueza pelo já então marquez de Chamilly, dando-nos o retrato da esposa d'este, (o ingrato casára-se em 1678) retrato a que sentimos não poder contrapôr o da infeliz monja que fôra vencida por uma rival de tão «excepcional fealdade».

«A marqueza era, diz Saint-Simon, de uma virtude e de uma piedade sem egual desde a sua primeira mocidade, mas que guardava só para si; tinha muito talento e do mais amavel, e como que talhado para a sociedade; uns modos, um bem estar á vontade, que não prejudicavam a modestia, a cortezia, o descernimento, e sobre todas estas qualidades um extraordinario bom senso, muita alegria, nobreza, e até magnificencia, de modo que, constantemente occupada em praticar boas acções, parecia dar pouca attenção ao mundo, e a tudo o que lhe dizia respeito. A sua conversação e maneiras faziam esquecer a sua «excepcional fealdade!» Agora repito eu, e commigo repetirão as leitoras:—pobre Marianna!

«O titulo de «Cartas portuguezas», diz um critico auctorisado, tornou-se um nome generico que ficou applicado não sómente ás imitações que vieram depois engrossar as edições subsequentes, mas ainda a toda a especie de correspondencia em que a paixão se apresentava a descoberto».

«Em 1671, dizia Branca, madame de Sevigné escreveu-me uma carta tão exaggeradamente terna, que recompensa bem todo

(a) Traducção de Lopes de Mendonça, no n.º 14 da «Semana» 1852.

(b) Esta obra tem por titulo:
«Lettres du XVII et du XVIII siècle—Lettres portugaises avec les reponses. Lettres de mademoiselle Aissé, suivies de celles de Montesquieu, et de madame Deffand au chevalier d'Aydié.»

PESCANDO Á CANNA

o seu passado esquecimento. Fallou-me do seu coração em cada linha, e se eu lhe respondesse no mesmo tom, teriamos mais uma portugueza.»

Por aqui se vê como eram julgadas e apreciadas no seculo XVII as «*Cartas de uma religiosa portugueza.*»

Mais tarde, João Jaques Rousseau derigindo-se a d'Alembert, calumniava a pobre freira dizendo: «Ellas, as mulheres, não sabem nem descrever, nem mesmo sentir o amor. Unicamente Sapho, e uma outra é que merecem ser exceptuadas. Aposto tudo quanto ha n'este mundo, em como as cartas portuguezas foram escriptas por um homem...!

Rousseau estava, quando escreveu estas linhas, em maré de paradoxos. Comparar, não digo bem, dar em assumptos amorosos a preferencia á poetisa de Lesbos sobre a resignada Marianna Alcoforado, é querer de caso pensado confundir o amor da aguia com os plangentes gemidos da rôlla; os desesperos da suicida pagã, com a resignação da mulher que no altar de que momentaneamente affastára os olhos, fez penitencia aturada dos desvios do seu pobre coração.

Alexandre Herculano, consultado sobre tão melindroso assumpto por Lopes de Mendonça, foi da opinião de Rousseau, não em negar ás mulheres a sciencia do amor, mas em duvidar, como philologo, da authencidade das cartas portuguezas.

Faça-se porém justiça ao traductor das cartas de Marianna Alcoforado; apesar da auctoridade de Herculano, Lopes de Mendonça não se deu por vencido, e escreveu, como escreveram sem excepção todos os panygeristas das mulheres do seculo XVII.

«O estylo epistolar, ninguem o possue mais flexivel, mais affectuoso, mais pittoresco, mais suavemente abandonado e espirituoso do que as mulheres.»

«As cartas de madame de Sévigné, as cartas de madame de Caylus, e ainda mesmo no proprio tempo de Rousseau, as delirantes e apaixonadas cartas de madame Lespinasse, saltam immediatamente á memoria para protestarem contra uma tão absurda proposição.»

«Já vae longe a epoca, em que se recusava ás mulheres os dotes litterarios, em que se suppunha impossivel que a inspiração engrandecesse aquellas organisações tão impressionaveis e delicadas; no nosso seculo dois espiritos superiores, escriptoras de primeira ordem, madame de Stael e George Sand, desvaneceram completamente um preconceito tão injusto como grosseiro.»

Removidas como ficam as objecções de ordem moral, a competencia das mulheres para trazerem a publico o coração com as vestes proprias de quem se apresenta diante do mais respeitavel dos tribunaes; rôto o sigillo da carta de prego amorosa que só um acaso quebrou seculo e meio depois da publicação das «*Cartas de uma religiosa portugueza*, resta-nos saber como o abutre entrou no pombal, e como a casa do Senhor foi profanada pelas inopportunas visitas do soldado aventureiro.

Os costumes do tempo em que D. Marianna Alcofrado ousou

metter nas sagradas litanias o nome do seu mais que mundano tentador, justificam a plausibilidade do romance da religiosa portugueza.

Reinava então em Portugal D. Affonso VI de pouco pudica memoria, que contrafeito cedia o throno e a mulher a seu irmão D. Pedro II de memoria não mais respeitavel, para em seguida dar um futuro protector aos conventos de freiras na pessoa do erotico D. João V, o maior perturbador de consciencias femininas. e para quem a moral reclama a absolvição de Roma e o perdão dos paes de familia.

Não ha d'aquelle tempo escandalo que não venha timbrado com o carimbo conventual. Sem incommodar os archivos nacionaes em demanda das provas da pouca austeridade dos redis onde se acolhiam as ovelhas que os lobos escorraçavam do seculo, ahi vae como um escriptor francez nos descreve o tumultuar dos ermos, chamados conventos de freiras, antes do filho de D. Maria I lhes dar treguas... por incapacidade physica e timidez moral.

«Talvez haja quem se admire de um amor tão avêsso ao estado e ao caracter de uma das partes (refere-se a D. Marianna Alcoforado) por não saber que n'aquelle tempo a severa reclusão a que os costumes portuguezes condemnavam as mulheres e as raparigas, não abrangia as freiras. Estas gosavam de mais liberdade com as visitas que recebiam, do que as proprias mulheres casadas. Os conventos não eram vedados aos visitantes. O prazer da conversação não era o unico quo dava ingresso n'aquelles logares. O rei D. Affonso, como mais tarde D. João V, frequentavam a miudo os conventos para se destrairem com as representações theatraes.»

Que se ignorem os segredos do claustro, concordo. Mas só uma grande boa fé poderá duvidar das armadilhas de bastidor.

Quem nos pode hoje affirmar que um auto bem repassado de unção religiosa, não fosse o innocente pretexto de um incendio denunciado á posteridade nas «*Cartas de uma religiosa portugueza*»?

Que menos verosimil é esta minha suspeita, do que a positiva affirmativa que foi de uma janella do convento que D. Marianna vio pela primeira vez o marquez de Chamilly, que tinha então 27 annos, e devia ser não menos tolo, mas com certesa mais magro do que Saint-Simon o descreve nas suas «Memorias»?

As «*Cartas de uma religiosa portugueza*» teem sido traduzidas, que eu saiba, por Filinto Elysio, pelo Morgado Mutheus, o faustoso editor dos *Lusiadas*, por Lopes de Mendonça, Bulhão Pato, e ultimamente pelo sr. Ennes, que, bem bem haja elle, se não acovardou com os bem merecidos creditos litterarios dos seus antecessores.

A critica está de ha muito de accordo em considerar como apocriphas todas as cartas que vão além das cinco primeiras que primitivamente foram publicadas, bem como em negar ao marquez de Chamilly a fibra necessaria para se corresponder com tão levantado espirito como era o da sensivel freira que tão dolorosos ecos deixou das suas maguas.

Um viajante francez, contemporaneo dos romanescos amores da freira portugueza, por signal que d'Ablancourt se chamava elle, conta no seu «*Le Voyageur d'Europe*» que vira uma vez a rainha ao apear-se do coche para entrar no convento da Esperança, consentir que uma dama da sua comitiva se abaixasse para lhe compôr uma fita do sapato que se lhe desatára, isto com grave escandalo dos circumstantes, por que acrescenta o sisudo commentador: «*Il est indecent á une dame selon la coûtume por tugaise de montrer ainsi son piéd, ce qui fait que les dames portent leurs jupes si basses, qu'on ne leur voit point les pieds, comme estant d'où on peut juger de la forme de quelque autre partie cachée de leurs corps.*»

Ao terminar este arrasoado peço ao leitor que confronte a exagerada pudicicia dos que não quizeram vêr o pé á rainha, adivinhando ou não, qualquer outra parte do corpo de Sua Magestade, com o desassombro com que pelos conventos se punha a descoberto o coração, sem medo dos raios do Vaticano, nem das penas do purgatorio.

Uma observação ainda. O periodo assignalado no começo d'este estudo 1663-1668 abrange apenas a chegada do marquez de Chamilly a Portugal, o casamento do prejuro em 1607, até a publicação da primeira edicção das «*Cartas da religiosa Portugueza*».

L. A. Palmeirim.

A NINI

(CONTO)

Chovia tanto... tanto... d'essa chuva açoutante e valente, que faz engrossar as grutas e produz as alluviões...

No céo plumbeo, como um manto colossal de peregrino, riscavam a subitas os raios em zig-zags phantasticos e luminosos. O estampido das descargas electricas que os acompanhavam, tinham o tom barbaro e grandioso das scenas da natureza convulsionada. A vibração sonora dos echos, alastrando-se no espaço, ricocheteando de monte a monte, pairando nos valles, fazia enlouquecer de pavor os animaes nas arribanas e as creanças nos lares, dobrar-se a chamma das velas accesas precipitadamente no oratorio.

O vento, de uma velocidade terrivel, sibilava por entre as arvores, obrigando-as a beijar-se e enlaçar-se freneticamente, como gentis odaliscas. No chão, uma alcativa de folhas de larangeira de um verde bronze oxidado, ondulava furiosamente como um mar agitado.

No mais acceso d'este vendaval formidavel, que enchia de desespero todos os habitantes da populosa aldeia dos Arrifes, abriu-se a pequena porta de uma casa coberta de palha, de aspecto triste e rude, paredes negras, construidas de barro e pedra sem vislumbre de cal. A casa do pobre montanhez das ilhas açorianas.

Uma creancita apavorada e encolhida dentro do seu chalinho de xadrez d'algodão, a perna e o pé nú, saltou para a azinhaga, de um piso medonho, anti-diluviano, que ia desembocar na rua principal da aldeia, mais larga e mais *navegavel*, principalmente para quem tinha as sainhas tão curtas como a Nini, pois que os pezinhos até ao artelho lhe desappareciam n'agua.

A loura Nini, toda enrolada no seu chale, prenda d'annos dada pela senhora madrinha e ao mesmo tempo senhora morgada, avançava corajosamente, tiritando de frio sob o fato molhado. A saita curta de chita clara com ramagens cor de rosa, avivadas pela humidade como grandes nodoas de sangue, agarrava-se-lhe ás pernas asperas mas brancas de leite, côr natural nos organismos depauperados e nas pessoas louras, mesmo no campo.

Depois de uma longa caminhada pela rua principal, a Nini cortou subitamente á esquerda, por um atalho e no fim d'elle achou-se no alto de uma collina, d'onde se desdobravam as terras (os *poderios*, dizem os camponezes) da sr.ª morgada, tendo na vertente um velho casarão encravado n'um pomar, onde morava a fidalga.

Mas, Deus do céo! Como era medonho o espectaculo que *gosa a* a Nini, n'aquellas alturas! A pobresinha tremia como varas verdes e *in petto* encommendava-se a todos os santos e santas do Paraizo.

Só, com os seus oito annos d'edade, cheios do terror superstícioso dos camponios, e com a sua boneca maior debaixo do braço, escondida sob o chale, ao doce calor do seu seio virginal, a Nini, abrindo desmedidamente os seus grandes olhos azues quando troava a electricidade, havia tido forças para correr até ao alto da collina, fallando para dentro do chale á sua boneca favorita:

—Que não tivesse susto. Que chegariam n'um prompto a casa da madrinha. Que havia lá santos que faziam milagres. E que lhes pediria para parar a chuva e o vento.

A boneca, já se vê, na sua imperturbavel seriedade de mona, nada podia responder, mas a Nini não lhe dava menos importancia por isso, e continuava a serenal-a na sua inimitavel ingenuidade.

No alto da collina é que o caso se tornou serio. O vento batia a encosta com furia, com lufadas giganteas. Se não fosse a sua pequena estatura, a Nini teria sido arremessada ao chão.

As nuvens baixas enchiam todo o valle, chocando-se, bailando, movendo-se doidamente, como se foram uma grande quadrilha de dominós brancos. O trovão resoava agora com o echo mais amplo, mais grave, como que correndo pela terra com uma caricia infernal. Havia o que quer que era, parecido ao bramir interno do vulcão.

As cordas d'agua, formidandas, tornavam extremamente perigosa a descida para a Nini. A pobre poz os olhos no céo, com uma expressão divina d'angustia. Descer era talvez a morte. A agua tornava a terra escorregadia e precipitava-se em torrentes.

Esteve tentada a voltar para traz, mas a imagem da mãe, que ella adorava, porque era muito meiga para a sua Nini, estendida quasi sem vida, pela fome e pela doença na cama, enchia o seu pequenino coração de incerteza.

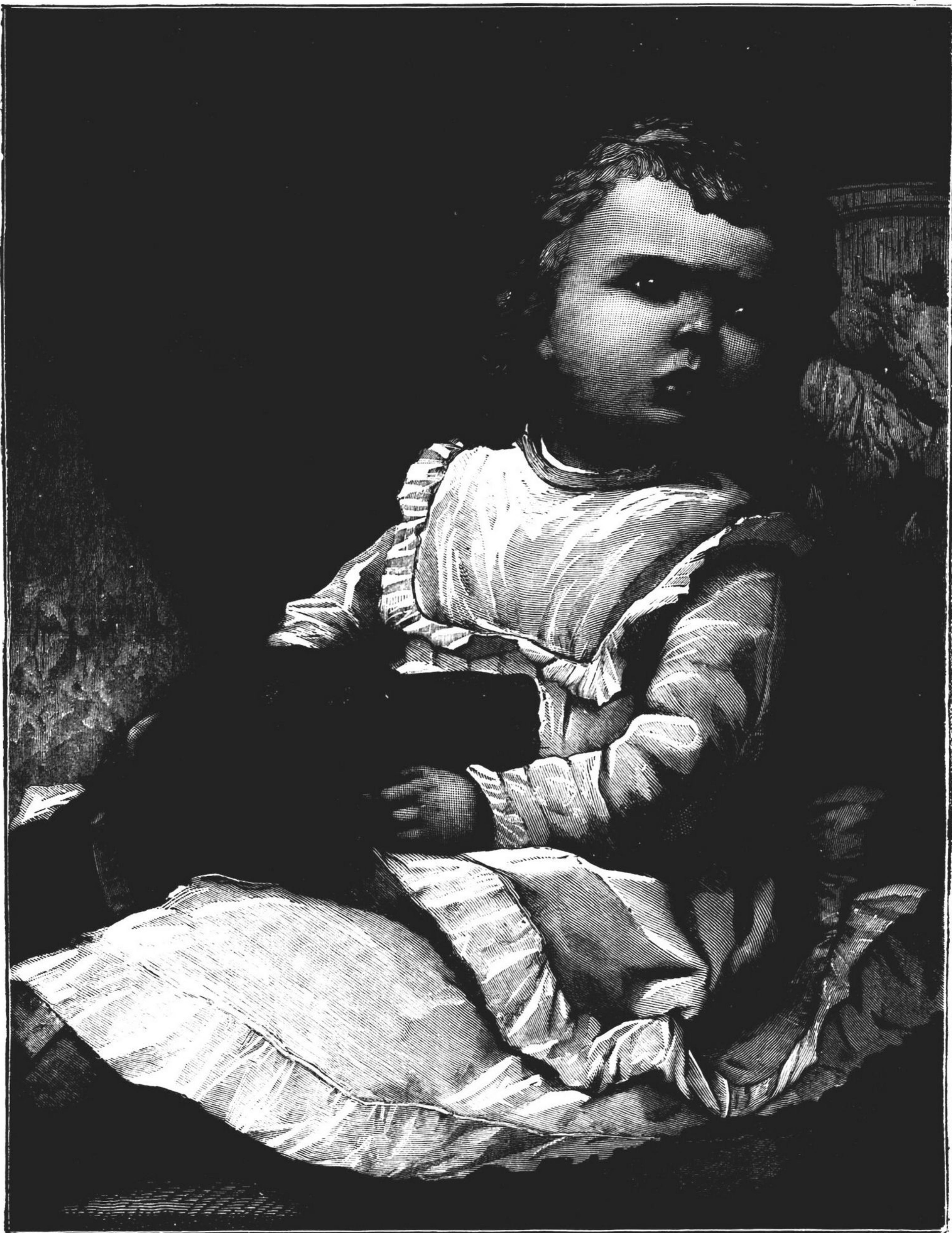
A mãe dissera-lhe:

—Vae, meu amor, se és minha amiga. Péde á sr.ª morgada um frango para fazer um caldinho. E dize-lhe—tu bem o sabes!—que ha vinte e quatro horas ainda não comi...

A mãe, como veem, não a mandara sair com aquelle tempo. Pedira-lhe, como amiga, que fizesse aquelle sacrificio. A Nini, coração d'oiro, armara-se com a sua companheira inseparavel, a sua grande boneca, uma boneca respeitavel, e sentindo-se forte pela companhia, aventurara-se ao caminho.

Tudo foi bem até ao momento de descer nas terras da morgada, mas não havia que hesitar mais. A mãe lá a esperava e ao frango, para o seu jantar d'aquelle dia. Talvez no seguinte se levantasse. O tempo, apesar de mau, estava quente, bom para os depauperados.

Fazendo estas reflexões, com menos rhetorica e com mais acção, a nossa Nini desceu.

Nunca a obscura tragedia do campo teve um quadro mais afflictivo. Com a sua boneca mettida no seio, ficando-lhe a cabeça

DOIS AMIGOS INSEPARAVEIS

de fóra por não caber; com o chale traçado e as pontas amarradas sobre os quadris, a pobre pequena servia-se das mãos livres como de garras de ferro, segurando se a tudo o que podia servir-lhe de ponto de apoio. A meio caminho, uma forte rajada de vento fel-a agarrar-se com ancia a uma estaca; esta porém saltou da terra, e a pobre pequena, despedindo um grito, rolou alguns metros, indo parar d'encontro á linha exterior das arvores de abrigo do pomar. Estava salva.

Levantou-se então, pallida como uma estatua. Um tremor violento sacudia-lhe o tronco airoso e breve. Tinha perdido a boneca!

Trepou rapidamente até meio de uma arvore e alongou o olhar pelo declive do terreno. Lá ao longe, um corpo branco, boiando na enxurrada, acabava de entrar na garganta de um enorme cano que passava sob o casarão da morgada, com o fim de o preservar da acção destruidora das aguas. Esse ponto branco era a saia da sua querida boneca.

Foi-se-lhe a alma, foi-se-lhe o olhar n'esses fluctuantes farrapos. E com a face demudada pelo desgosto, imagem perfeita da desolação, escorrendo agua e chorando, foi direita ao portal da morgada.

Foi assim melhor. A madrinha, compassiva, mandou-a vestir do novo e fel-a conduzir, acompanhada por um velho creado e por um bello presente, para casa da mãe.

O creado, velho pratico d'aquelles sitios, seguiu por atalhos nunca d'antes trilhados pela Nini.

Chegaram a casa. Nini desabafou a sua enorme magua no seio materno, e toda a noite a ouviu a sua triste mãe, soluçar do lado da sua humilde caminha.

A pobre mãe, calou-se, e no dia seguinte, sentindo-se muito melhor, tendo cessado a chuva e o vento, escondeu furtivamente, sob o chale, uma gallinha das que lhe enviára a comadre, e saiu, deixando a filha encarregada de olhar pelo jantar que ficava ao lume.

A excellente mulher era viuva do prefessor regio, e apesar de nova, pelo habito de tratar as creanças, sabia conhecer as pequeninas paixões que se debatem dentro d'esses corações infantis.

Duas horas depois, estava de volta, e beijando a sua unica amiga sobre a terra, a sua querida Nini, deitava-lhe no regaço uma formosa e grande boneca.

—Hontem, disse ella, salvaste-me talvez a vida, indo pedir, com aquelle tempo, soccorro á sr.ª morgada. Hoje restituo-te a alegria, dando-te uma boneca ainda mais bonita do que a outra.

A Nini, ao ouvir este «discurso», e ao vêr as bochechas saloias da boneca nova, esqueceu maguas passadas e saltou ao pescoço da mãe, devorando-a com beijos.

Março, 1886.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

ESTUDOS LITTERARIOS

CALDERON DE LA BARCA

O talento d'este poeta, grande entre os grandes, celebre entre os celebres, e tanto mais extraordinario quanto é certo que a orientação mental de Calderon não o conduziu directamente e exclusivamente para a Arte, que n'essa época fulgia em todo o seu pristino esplendor.

A renascença, essa torrentuosa caudal de talentos uberrimos, de iniciativas poderosas, de ideais concepções assignaladas pela *griffe* do genio; essa deslumbradora explosão de uma forte raça de poetas e de artistas incomparaveis, vaticinada pelo Dante e evocada pelo braço gigante de Miguel Angelo e pela divina inspiração de Sanzio, deixara na sua passagem triumphal um rastro de intensa luz.

Calderon recebeu o baptismo intellectual no veio crystalino d'esse novo Jordão; mas a sua estranha actividade dividiu-se em campos oppostos, extremando-se em attribuições de caracter diverso e por vezes de natureza incompativel.

Calderon, a exemplo de Luiz de Camões, foi soldado, foi espadachim, percebeu uma tença real, e foi alem d'isso padre capellão de Filippe IV.

E' precisamente no turbilhão d'esta existencia agitada e complexa que o genio de Calderon desabrochou, com o vigor, o colorido e o inextinguivel aroma de uma flor dos tropicos.

Aos treze annos o poeta escreveu a comedia *El carro del cielo*, conseguindo attrair para essa primeira tentativa a attenção de Lope de la Vega.

Obedecendo á concatenação harmonica que faz dos poetas, como diz Taine, uma familia ideal, perpetuadora de uma herança commum, Calderon apparece na litteratura hespanhola no momento em que Lope de la Vega declina.

A Hespanha dos seculos XVI e XVII, a Hespanha eminentemente monarchica e catholica, que eclipsava o crescente no Lepanto, que estendia o seu dominio á Africa e combatia o elemento protestante na Allemanha, em França e em Inglaterra, expulsando como filhos espurios os judeus e os mouros, acrysolando a fé na chamma das fogueiras do Santo Officio e nas lanças das cruzadas que lhe sugavam o ouro arrancado ás entranhas virgens da America; a Hespanha, exhausta pela violencia da luta e pela intensidade da paixão supersticiosa que lhe estuava no seio, concentrava as suas derradeiras forças impulsivas n'essa brilhante legião de pintores e poetas, n'essa ala namorada de heroicos, paladinos que dobravam o joelho diante da egreja e do throno, celebrando com a palheta, com a lyra e com a espada a patria e o rei. A essa esplendida constellação pertenceram Velasquez, Herrera, Alonzo Cano, Murillo, Zurbaran, Morales, Cervantes, Tirso de Molina, Rojas, Leon, Castro, Moreto, Alarcon, e superior a todos, Lope de la Vega e Calderon de la Barca.

Lope de la Vega e Calderon personificam o mysticismo exaltado, romanesco e profundamente peninsular d'essa especie de D Quixotes, que adoravam a Virgem, voluptuosamente acariciada pela palheta dos artistas da Renascença, com o mesmo sensual ardor que prostrava Thereza de Jesus, soluçante e extatica, aos lividos pés do Christo.

Ninguem todavia logrou, como Calderon de la Barca, imprimir uma fórma tangivel a essa indefinida aspiração poetica e visionaria, a esse sentimentalismo pagão, na fórma e religioso na essencia, que constituia o mechanismo interno e o foco abrasador da alma castelhana; ninguem soube, como elle, perpetuar em traços indeleveis a esbelta e aventurosa phisionomia do *hidalgo* do seculo XVI, não conhecendo nem respeitando no Universo senão tres coisas: — O seu Deus, o seu rei e a sua dama.

O merito transcendente da obra de Calderon de la Barca, penetrada de um largo sopro cavalheiroso, esse vasto reportorio de comedias de uma naturalidade encantadora, formando deliciosos quadros pittorescos, colhidos em flagrante e vividos com um raro poder creador; esse reportorio que fez escola, que cobriu de gloria a scena castelhana e que conquistou para o nome do auctor as homenagens da posteridade, não se distingue pela satyra dos costumes que immortalisou o theatro de Molière, ou pelo vigor dramatico que assignalou o theatro de Shakspeare, mas sobreleva, na elevada esphera em que é admirado, por consubstanciar elle a phisionomia, a alma e a indole de uma epoca, profundamente caracteristica, e de uma raça apaixonada, heroica, leviana e aventurosa.

O theatro de Calderon é, além do mais, um modelo de galanteria honesta.

Uma simples formula moralista: «Sê homem de honra e cavalheiro cortez», bastou ao insigne poeta para entretecer um collar de perolas litterarias, onde a par do enredo imaginoso e fertil em lances commoventes, admiramos a linguagem colorida, bordada de caprichosos lavores e modelada no mais puro estylo castelhano.

O natural humorismo de Calderon não exclue o lyrismo, suave e terno, que rescendem muitas scenas das suas inimitaveis comedias.

Na *Marianna* ouve-se como que a symphonia da natureza em festa, celebrando a passagem da Bella.

«Arroios, escreve o poeta, sêde para ella espelhos, correi, correi! Aves, acariciai o seu rosto, voai, voai! Flores, tapetae-lhe o chão, desabrochae, desabrochae!»

Infelizmente, o grande genio dramatico de Calderon nem sempre triumphou da obscuridade gongorica que offusca a harmonia das suas bellas imagens, tornando-as incomprehensiveis, mesmo aos hespanhoes.

Asseveram os biographos de D. Pedro Calderon de la Barca, e confirma-o o Larousse, que o poeta escreveu, afóra os *Autos sacramentaes*, cento e vinte peças. Os *Autos* representam um numero identico sommando na totalidade 240 peças, escriptas no espaço de 67 annos.

Temos, por conseguinte, a admirar em Calderon, não só o esplendor de um talento maravilhoso, como a fecundidade de um cerebro creador.

Em todas as comedias de Calderon, é o proprio author quem espirituosamente o declara, ha inevitavelmente um *caballero* disfarçado e uma dama velada.

O amor de capa e espada passa, deixando um vago aroma da galanteria, atravez d'esse theatro immortal!

La vida es sueño, um drama formosissimo e profundamente philosophico, e por ventura aquelle que mais alto ergueu a gloria do poeta no apreço de todas as nações e no culto de todos os espiritos.

D. Pedro Calderon de la Barca viveu oitento annos e jaz sepultado na egreja de S. Salvador de Madrid, na capella de D. Diogo de Gevara, á mão esquerda, entrando-se pela porta principal.

GUIOMAR TORREZÃO.

A MANCHA

(EUSEBIO BLASCO)

—Tenho uma hora de liberdade, disse para commigo: busquemos, pois, uma distraçáo tranquilla, alguma coisa que dê logar á observação e ao estudo—Documentos humanos, como diria Zola.

N'um dos recantos do *Petit Journal*, encontrei o seguinte annuncio:

Em casamento

Orphã, dezoito annos, um milhão de dote,
Deseja um estrangeiro. MANCHA

—Quem me impede de ser solteiro por uma hora?—pensei eu. Vejamos quem é esta orphã e que *mancha* é esta.

A agencia ficava a dois passos da praça Clichy. E' no segundo andar. A directora era, naturalmente, uma senhora com certo ar de respeitabilidade: um nedio presunto de inverno.

—Que deseja?

—Acabo de ler um dos annuncios da casa.

—Faça favor de entrar.

Passamos a uma salita mobilada com gosto. Moveis antigos, *bijouteries*, flores... Pelas paredes muitas photographias de mulheres em attitudes melancolicas.

A dama convida-me a sentar me ao seu lado.

—Vinha então saber...?

—Sem duvida.

—V. ex.ª é o interessado?

—Eu proprio, senhora.

Um momento de silencio, durante o qual sou minuciosamente examinado.

—Será indiscripção perguntar a sua edade?

Disse-lh'a.

—A sua nacionalidade?

Disse-lh'a tambem.

A dama traz de cima d'um velodor um cartapacio.

Abre-o e folheia diversos papeis.

—Temos aqui—diz—para o caso de que se trata, propostas d'um russo, de dois chilenos, de um arabe e de um polaco.

—Ah!

—Um hespanhol talvez fosse preferido. Os hespanhoes costumam ser bons maridos. Alem d'isso costumam ter muitos filhos e esta menina deseja ser mãe.

—Por minha parte...

—Não sei se é a primeira vez que vem a minha casa ou a outras da mesma especialidade para tratar de casamento.

—E' a primeira.

—Tenho então de lhe explicar o processo...

—Processo de que, senhora?

—O processo adoptado para se conhecerem.

—Ah!

—Geralmente é n'um terreno neutro. A agencia não quer envolver-se directamente n'estes negocios; assim, depois de se trocarem photographias, ou cartas com as informações reciprocas, as duas pessoas encontram-se, por exemplo, n'um theatro. V. ex.ª aluga um camarote para quatro pessoas, e uma noite irei eu com a menina em questão; já sabe que é orphã e que não pode portanto ir acompanhada por sua mãe: V. ex.ª apparece pouco depois de começar o espectaculo, n'essa primeira entrevista logo veem se sympathisam um com o outro. Depois continuam a encontrar-se aqui ou em outro sitio, mas de forma a não despertar suspeitas e más interpretações. Trata-se d'uma menina muito distincta e...

—Isso... fallemos d'ella: até agora só fallámos de mim.

—Posto que a casa não tenha por costume mostrar os retratos antes das primeiras informações trocadas, como V. Ex.ª me é muito sympathico, quebrarei por esta vez o segredo profissional. Veja...

E a dama indicou uma photographia em ponto grande.

—E' lindissima! disse eu.

—E não obstante a photographia não dá ideia d'ella: se chegar a conhecel-a verá que é uma verdadeira belleza.

—Imagino.

—Dezoito annos, orphã de pae e mãe e com um dote de um milhão de francos em propriedades e valores. Se quer ver os documentos comprovativos...

Com effeito os papeis estavam em regra. Justificava-se a existencia de quatro milhões de *reales*. Quasi me penalisava o ter ido ali como curioso e haver dado um nome supposto.

—Mas ainda nos falta fallar do mais importante... disse eu.

—O quê?

—No fim do annuncio ha uma *mancha*.

—Ah! sim. Isso vê-se todos os dias nos annuncios e prova a lealdade da pessoa e da agencia. Saiba que essas *manchas* são faceis de occultar.

—Nem por isso.

—Ora! Bem se vê que nunca foi mulher.

—Com effeito, não me recordo d'isso...

—Mas emfim, o importante para o que se casa é não ser enganado. Do mesmo modo que pediremos todos os seus antecedentes, antes de entrarmos em negociações definitivas, tambem lhe daremos os que nos exigir. A *casa* nada occulta.

—De maneira que ha uma *mancha?*

—Sim, senhor; mas com um milhão de francos têm-se apagado tantas n'este mundo...

Aqui, toma a conversação um tom grave. As ultimas palavras da creatura começam a inspirar-me um tedio irresistivel. Não obstante, a dama falla em linguagem moderna, positiva e pratica!

—Já vê, pois...—acrescentou com toda a seriedade—a cada momento poderá ver outros annuncios mais desenvolvidos. Por exemplo este que heide enviar amanhã para o jornal.

E lê:

«Viuva, joven, formosa, vinte e oito annos, trezentos mil francos: deseja um rapaz nobre, ainda que tenha tido contas com os tribunaes.»

—Já vê que ha gostos para tudo e que tudo se faz na vida. Elle recebe 300:000 francos e uma mulher nova e bonita. Ella será marqueza.

—Mas podia sel-o casando com um titular honrado.

—Não pode e por isso transige. Esta senhora é uma antiga sapateira da rua de Pigalle. São raros os titulares que se alliam com as da sua classe.

—Mas em troca d'um dote como esse...

—A boda far-se-ha antes de quinze dias. Temos casado mais de trezentos marquezes arruinados em menos de anno e meio.

—Voltemos á *mancha*.

—E' muito simples. Esta menina teve em vida de seus paes um noivo que a seduziu e que desappareceu, deixando-a n'um estado...

—Comprehendo.

—Quiz occultar o que se passava e...

—E o filho?

A dama fixa attentamente o olhar nas unhas dos quatro dedos da mão direita, affagando-as de vagar com o pollegar.

—O filho... Talvez com a precipitação com que quizeram escondel-o... não se sabe como... a creancinha morreu asphyxiada...

Puz-me rapidamente em pé, como se tivesse sentido no hombro o contacto d'um ferro em braza.

Ella continuava fallando e mirando as unhas

—Já vê que estas coisas são sempre seguidas de processos... Felizmente o jury foi justo e condemnou-a apenas a seis mezes de prisão por infanticidio, por imprudencia. Se visse como a pobresinha esteve doente...

—Offerece-me então uma infanticida!?

E ella, pondo os oculos e olhando-me tranquillamente:

—Offereço-lhe um milhão de francos.

—Quer dizer que a mancha que julguei apenas...

—Ora adeus! Essas são tão vulgares que só as descobrimos quando acompanhadas de acontecimentos extraordinarios, como n'este caso.

—Adeus, senhora...

—Espere: deve-me cem francos.

—Cem francos!

—Decerto: a agencia recebe adiantado as suas commissões. Se casar dar-nos-ha um por cento; se não quizer casar-se, como parece, deve-me a consulta e o tempo perdido.

—Cem francos! nunca! Prefiro o escandalo! Que venha o commissario e que me enforquem!

—Ah!—gritou ella apopletica; você sabia que a policia e a justiça nunca nos dão razão!

(Declaro que não sabia).

—Pois bem; vá-se com Deus. Não quero escandalos; mas onde o encontrar arranco-lhe os olhos!

Abri bruscamente a porta da sala e a da escada, e saí d'aquella horrivel espelunca.

Isto foi ha tres annos.

Hontem, ao passar no *boulevard* Beaumarchais, vi dirigir-se para mim uma mulher: era ella.

—Cumprirá a sua palavra? perguntei a mim mesmo. Pelo sim, pelo não, prefiro affrontar o escandalo.

E encaminhei-me para ella, cumprimentando-a.

—Vae arrancar-me os olhos? disse-lhe eu sorrindo.

—Ora essa! Qual! Aquillo passou; e além d'isso o negocio que desprezou rendeu-nos sessenta e tantos mil francos de corretagem.

—Como? Pois ella casou?

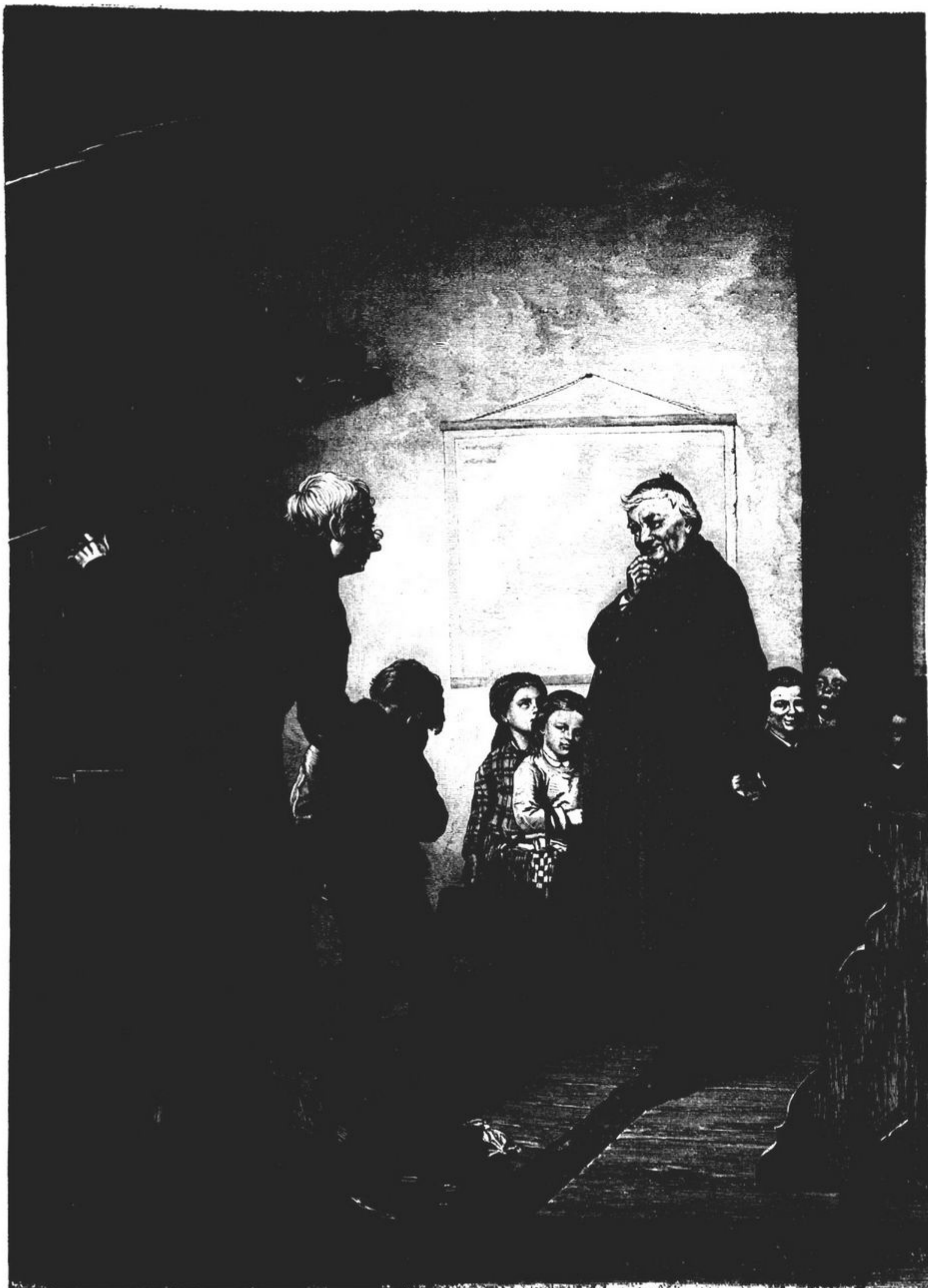
—Leia.

E deu-me um jornal.

Eis o que li: «Brilhante *soiré* hontem á noite no palacete dos principes de *** Todo Paris elegante alli se encontrava.»

Seguiam-se duzentos nomes.

—Então esta princeza...

—E' a nossa orphã. Um principe sueco, mas principe a va-

VEJA VOSSA REVERENDISSIMA! ..

ler—então que julga?—um principe authentico, e arruinado ao *baccarat* no seu paiz, de onde fugiu por causa de um processo de abuso de confiança, deu-lhe o seu nome. Vivem como reis, dão magnificos jantares, não recusam mil francos a um amigo necessitado... Emfim, são estimados por toda a gente. Quem se lembra agora d'aquelle pequeno *incidente*?!

Deixou-me gelado aquella mulher. E ella, notando o meu assombro, exclamou a rir:

—Mas de onde vem, que tanto se admira? Que demonio de ideia fazem os senhores da vida pratica?

Affastei-me em silencio, perguntando a mim mesmo onde principia e onde acaba isso a que chamam *consideração social*

Trad: LORJÓ TAVARES.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONEGO ALVES MENDES

Alves Mendes é um prégador illustre, que ha treze annos sustenta em crescente enthusiasmo, do alto da tribuna sagrada, o infatigavel assombro dos seus auditorios, e é, além d'isso, author de livros notabilissimos, em que se revella contemplador grave, artista apaixonado, pulso inquebrantavel de critico, talento com todas as aptidões na arte da escripta.

Como orador sagrado, os seus sermões arrebatam, deleitam, commovem. Quando elle surge no pulpito, faz-se um estremecimento nos auditorios, retrahem-se todas as respirações, calam-se todos os labios, presos á sua palavra inspirada e brilhante.

Como escriptor, é dos mais escrupulosos no purismo, e dos mais coloristas na liberdade eflorescente de riquezas e novidades na elocução.

PESCANDO Á CANNA

O patife da nossa gravura fez *gazeta* á escola, onde é o mais incorrigivel dos cabulas, e foi se pelos campos fóra, com a irmãsinha predilecta, *bras dessus, bras dessous*, dar largas á sua veia de madraço.

Depois de retouçarem alegremente sobre a alfombra matisada de malmequeres e papoulas, que ella colheu á farta para engrinaldar a bonecragem, o garoto lembra-se de pescar á beira do rio.

Apanha-se uma canna de cannavial, improvisa-se um anzol, feito d'um alfinete da rapariga, e deita-se o aparelho ás aguas.

De repente, o fio estremece.

—E' uma truta! diz ella.

—Parece-me que é uma eiró! torna elle.

Afinal de contas, em vez de eiró e de truta, salta-lhes do rio uma rã miseravel, que pernea diabolicamente, balouçando-se no espaço.

Imagine-se do pasmo e do desapontamento dos dois libertinos, pelas suas attitudes.

DOIS AMIGOS INSEPARAVEIS

Assim passam o dia inteiro, n'aquelle doce enlevo, muito agarradinhos um ao outro, prodigalisando-se caricias reciprocas.

Se o pequenito chora, é o formoso Terra Nova quem lhe enxuga as lagrimas; se está doente, é ainda elle quem o acompanha dia e noite, como enfermeiro desvelado, prescrutando-lhe o somno febril, espreitando attentamente os seus movimentos mais imperceptiveis.

Dois irmãos não se estimariam mais, de certo, nem talvez tanto, com uma affeição d'aquellas, purissima e sincera.

VEJA VOSSA REVERENDISSIMA!...

Attrahido pelo berreiro infernal que partia da escola, o velho abbade entrou, muito afflicto, para se informar do que motivára tamanha gritaria. Nunca tinha ouvido o mestre Anastacio berrar assim. Lá pela escola dera-se, por força, um acontecimento muito grave.

E, com effeito, dera-se. O filho do regedor, um garoto d'alto lá com elle, tinha-se permittido traçar a giz, na pedra, a caricatura do respeitavel Anastacio, com oculos e tudo.

Como era de esperar, o rapazio da escola applaudiu a gracinha do companheiro, fazendo um alarido descommunal, e o velhote foi aos ares, dando uma sova tremenda no garoto.

E' n'esta occasião que o abbade entra na aula. Informado do caso, acalma a furia d'Anastacio, salva o pequeno d'apanhar mais alguns açoites, e, quando o velho professor lhe aponta para a caricatura, bradando:—Veja vossa reverendissima este desaforo!—o santo cura ri-se como um perdido, bonacheironamente, e diz-lhe:

—Tambem você foi rapaz!...

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

E' um preceito do Evangelho, e a pequenita da nossa estampa segue-o á risca, todos os dias, repartindo a sua merenda com aquelles pobres gallinaceos engaiolados.

Mas, como ás vezes acontece que um dos gallos reclusos crive de bicadas a mão da caritativa rapariguinha, na sua ancia de ingerir as guloseimas, ella colloca-se a uma respeitosa distancia da capoeira, com medo de qualquer assalto.

Chama-se a isto ser cautelloso.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

NOVISSIMAS

Na musica castigue uma palmeira—1—2.
Para este degredo se dirigem com esta moeda—1—1.
Prende e liga este Deus—2—1.
Ordena no homem e na China—2—1.
Na musica arruina esta embarcação—1—2.
Grande e serio magistrado!—1—2.

AMADEU DE WRAUNITZ.

Na egreja esta interjeição está sempre na egreja—2—1.
Move-se, não se move, e move-se—2—1.

Ajuda. A. FREITAS.

EM VERSO

Indo um dia p'r'uma estrada,
certo velho d'Albufeira,
encontrou esta mulher,
que dizem ser feiticeira.—2

Perguntou-lhe se ia bem
e era perto a povoação;—3
ao que ella lhe respondeu:
—Vá por aqui, meu irmão...

Foi caminhando, e andou tanto,
que já era noite escura
quando soube, que enganado
fôra com arte e finura.

CHARADA ELECTRICA

A's direitas é um peixe,
podendo dar alimento;
ás avéssas pôl-o deixe,
e encontrará aposento—2.

Castello Branco. A. MERUJE.

Logogriphos

(Por lettras)

Mulher que adoro e amo,—10-4-3-2-8-10
Mulher que sempre amei,—1-10-4-8-2-2-10
Mulher a quem na vida—1-2-5-7-10
A vida eu dediquei,—10-6-9-10

Mulher a quem desejo;
Não tenhas pejo...
Acceita o meu amor
Que é puro, que é singelo.

Isto é que eu mais anhelo
Querida flôr!

Castello Branco. XAVIER RODRIGÃO.

Aqui vereis um prelado —5—2—9—7—8—3—7—9—1
Que da planta cereal,—10—6—1—7—10
Fez trabalho musical—8—5—4—1—2—10—3—10
Para o dito apimentado.—4—1—6—7—4—5—9—1

E, se o campo cultivado,—8—1—10—4—10
Tem herva medicinal,—10—4—7—2—9—5
Em lhe juntando o signal—6—1—4—8—5—3—1
Ficará panno frisado.—4—10—3—7—2—10

Mas caminhava, garrida,
Com seu passinho elegante
Uma formosa *coquette*,
Que ia *fazendo a Avenida*
P'ra ver se achava o amante
No ajustado *tête-á-tête*.

Castello Branco. A. MERUJE.

Ao vêr-te, donzella,
Tão linda, tão bella,
Brincando á janella
Com um cão de caça,—9, 10, 3, 10.
Eu fico perdido,
D'amores rendido,
Por ter conhecido
Em ti tanta graça!—9, 10, 2, 5, 7, 13, 18.
E, sinto desejos
De dar-te mil beijos,
—Por meros gracejos—
Nas faces rosadas;—17, 10, 15 8.
Mas tremo de medo,
Que tu, em segredo,
Por este brinquedo
Me dês bofetadas!—12, 14, 2, 6, 5, 9, 8, 19.
Por isso não quero,
P'ra ti ser severo,
Qual imp'rador Néro
Lá da Roma eterna;—6, 7, 9, 14, 9, 1.
E por tanto, fada,
Vive socegada,
P'ra não teres nada
Da hydra de Lerna!—11, 16, 4, 12, 18.
E já te previno,
Meu anjo divino,
Ser o teu menino,
Formoso, garrido;
E, crê,—não te minto—
Ao vivo te pinto
Desejos que sinto
Em ser teu marido!

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

(Por syllabas)

Das primeiras, se o leitor,
Se sentir adoentado,
Tome o todo, que dá vida,
E na terceira invertida
Deixe-se estar socegado.

J. O. VELHO.

Problema

Um rapaz tem uma porção de nozes, das quaes dá $\frac{2}{5}$ mais 3 a seu irmão, e $\frac{1}{4}$ do resto mais 6 a sua irmã. Reconhece em seguida que $\frac{3}{13}$, das que lhe restam ainda, são podres, e que as boas, que ainda possue, formam $\frac{2}{7}$ do numero primitivo. Pergunta-se quantas nozes elle tinha.

MORAES D'ALMEIDA.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Falsabraga—Falaca—Falija—Faluz—Fistularia—Papapeixe—Podalyrio—Caramello—Camarão—Marmello.

DAS CHARADAS EM VERSO:—Pontapé—Cometa—Tumulo—Contrariedade—Crystallina.

DOS LOGOGRIPHOS:—Manicordio—Marmeleiro—Montargil.

DO PROBLEMA:—4 horas e 47 minutos proximamente.

A RIR

Calino dirigindo-se a seu filho, com muito bons modos:

—Meu filho, permitte que te diga que te acho frio, mesmo muito frio, com a tua noiva.

—Que quer, meu pae? Ella não dá palavra; e depois, acho-a muito baixa!

Calino, com ar sentencioso:

—Mas podias ao menos amal-a na proporção da sua estatura!

*

No *Restaurante Avenida*.

Ao *toast* d'um esplendido jantar, varios rapazes fallam das sogras e das differentes pirraças que é d'uso os genros fazerem-lhes.

—Creiam que a melhor peça que póde fazer-se a uma sogra —diz um dos commensaes—é... não casar com a filha!...

•

Uma mulher, cujo marido tinham accidentalmente morrido afogado, derramava copiosas lagrimas.

—Vejamos, dizia-lhe uma amiga, é preciso ter resignação.

—Resignação! resignação! replica a viuva, suspirando. E' muito bom fallar n'isso; mas se não encontram o corpo d'elle, não poderei tornar a casar!

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA TORNAR O CALÇADO IMPERMEAVEL Á HUMIDADE

Para tornar o calçado impermeavel, pode empregar-se o processo seguinte:

Derrete-se a fogo brando, mechendo-se com uma espatula:

Pez de Borgonha .... 3 grammas
Cera amarella........................ 6 »

Junta-se depois, pouco a pouco, a esta mistura:

Oleo de linhaça........................ 95 grammas

Antes de se tirar do fogo, deita-se:

Essencia de terebenthina.............. 6 »

Applica-se a mistura resultante, por camadas successivas, sobre o calçado. Se este endurecer, aquece-se ligeiramente antes de o usar.

O COLLAR DE PEROLAS

I

Era forçoso partir. Assim o exigia o amor e fidelidade á bandeira do regimento, esse tropheu glorioso que elle uma vez salvara á custa de mil feridas gloriosas que o deixaram semi-morto no campo de batalha. Esse acto de heroicidade valeu-lhe não só um accesso de posto mas tambem o amor da mais formosa mulher, do sêr mais idealmente seductor que a mais fascinadora visão sonhada por phantasioso poeta para synthetisar a pura encarnação do bello. Era ella a filha unica da familia que o acolhera moribundo, quando a carroça do compassivo camponez o ia levar ao mais proximo hospital.

A extrema mocidade do ferido, a dolorosa contracção das suas attrahentes feições, captivaram-lhe a sympathia de toda

aquella familia, que lhe pareceu ver no joven official a imagem de parente querido que tambem andava na guerra, e que talvez moribundo n'aquella occasião, não teria quem lhe desse, com os carinhos e amor de familia, o balsamo mais potente para a cicatrisação de todas as feridas. Graças ao influxo dos cuidados com que o cercavam, o restabelecimento foi prompto e seguro; mas se Heitor se salvara das feridas recebidas no campo de batalha, as que os bellos olhos de Beatriz tinham aberto no seu coração, essas, não teriam tão facil e segura cura. Vendo-a todos os dias junto ao seu leito de doente, sentindo-lhe a suavidade do respirar que lhe bafejava deliciosamente o rosto abrasado pela vehemencia da febre, bebendo os remedios que ao passarem por aquellas mãos de fada perdiam todo o travor, transformando-se no mais delicado nectar, começou o mancebo a sentir por ella um culto e uma adoração sem limites. Heitor, orphão desde os mais verdes annos, tendo passado uma grande parte da mocidade só no convivio dos camaradas de collegio ou de quartel, nunca tivera junto ao leito de doença a figura sympathica de uma mãe ou de uma irmã, dedicando-lhe as suas vigilias, refrescando-lhe o rosto abrasado pelo calor da febre com o balsamo das suas lagrimas, salvando-o emfim com o extremo dos seus affectos.

Por isso o inesperado quadro d'uma ventura não sonhada, aureolado tambem pela figura mais adoravel, mais seductora que imaginar-se póde, fizeram-no, ao levantar-se pela vez primeira do leito de dôr, cahir aos pés d'aquella que sempre fôra o seu anjo bom, e confessar-lhe o amor profundo vehemente e verdadeiro que lhe abrasava o coração, até então não pulsara por mulher alguma.

A joven, n'uma confiança infantil, que com elle tomara desde que doente o vira precisar do seu auxilio confessou-lhe que partilhava d'aquelle affecto, que seria sempre d'elle, só d'elle, e nem por pensamentos o esqueceria nunca e nunca...

Se esses momentos foram a alegria, um ceu aberto para o apaixonado moço, a cruel realidade, forçando-o a partir, a unir-se ao seu regimento, que no dia seguinte devia atravessar a villa, esphacellava-lhe o coração.

Mas não havia remedio...

A' noite, toda a familia se despediu saudosa do hospede querido que ao romper d'alva deixaria, quem sabe se para sempre, a casa hospitaleira que tão cordealmente o recebera quando ferido e moribundo se achava de todos abandonado.

A despedida dos dois namorados não se podia só fazer em presença de estranhos, e por isso a altas horas na noite encontraram-se de novo no caramanchão do jardim, onde o doente passara os primeiros e mais deliciosos momentos de convalescença, e então os juramentos, os vehementes protestos de fidelidade succederam-se com aquella confiança de quem julga nunca poder esquecer-se, e pensa que a ausencia só poderá avivar mais e mais a recordação do ente amado.

Quando ao longe se começaram a ouvir os sons vibrantes do clarim, annuncio fatal da triste separação, Heitor, desapertando os primeiros botões da farda, tirou do peito um collar de perolas, a unica recordação que possuia da sua adorada mãe, lançou-o ao pescoço da joven, e apertando-a em seguida nos braços, uniu os seus aos labios d'ella, n'um longo beijo, tão puro como o affecto que irresistivelmente os attrahira um para o outro...

II

O talisman deixado por Heitor era uma joia de subido preço, não só pelo tamanho e egualdade das perolas, mas tambem pelo excepcional do nacarado e brilho, que podia rivalisar com as iriadas fulgurações dos brilhantes da mais pura agua.

Beatriz, nos momentos de soledade, beijava apaixonadamente aquelle presente querido que nunca mais d'ella se apartára, orvalhando-o com lagrimas sentidas, despertadas pela saudade que lhe esmagava o coração. A guerra continuava com todo o seu inseparavel cortejo de horrores, e ella nunca mais, depois da separação, tornara a receber noticias de Heitor. Que seria feito d'elle? Onde estaria? Pensaria n'ella? E quedava-se abysmada a olhar sem vêr, para os espaços indefinidos, abstracta, n'uma nostalgia vaga, triste e scismadora... Então, abrindo o vestido e desviando a camisa de cambraia, transparente como as nuvens d'um ceu de verão, collocava-se em frente do espelho a contemplar o collar que se destacava da setinea alvura da pelle, dando-lhe uns tons d'uma voluptuosidade infinita.

Em ademanes provocadores inclinava a cabeça para traz, tomava todas as posições que lhe pozessem em relevo o collar admiravel, e n'esses momentos os seios, livres da prisão que até então os tinham retido, fugiam anciosos, vindo augmentar no espelho a belleza d'aquelle quadro arrebatador, digno de um pincel de mestre.

Beatriz, n'esses momentos, namorava-se de si propria, e parecia não saber a quem adorar mais, se áquelle collar que a tornava mais bella e fascinadora, se ao amante auzente que lh'o dera como penhor do seu vivido e puro affecto... E as perolas que vivem nos seios juvenis onde o sangue palpita em ardencias de fogo, pareciam então brilhar mais e mais... Um dia estava Beatriz sentada á varanda, quando na estrada passa um grupo de cantores ambulantes, que se quedaram em melodiosa serenata, entoando uma velha canção d'amor, uma ballada d'uma doçura e mimo como aquellas com que as virgens de Ossian celebravam os seus amores, nas montanhas sempre floridas da sua ardente patria. Eram os pedintes velhos e aleijados, excepto um rapaz que possuia toda a attrahente belleza d'aquelles anjos tão genialmente descriptos pelo doce Milton no seu *Paraizo perdido*. Uma abundante cabelleira d'um louro fulvo, agitada ao sabor da brisa n'um *négligé* captivador, emmoldurava-lhe o rosto de adolescente, onde o buço mal despontava n'um frouxel avelludado, e a voz suave, de trinados melodiosos, tinha por vezes a seducção e a meiguice privilegiada do cantar dos rouxinoes. Era o mancebo, apesar de pobre e miseravel, um artista, um grande artista, a quem nada faltava para poder brilhar n'um campo mais vasto do que aquelle a que se achava adstricto por falta de apoio e protecção.

DAR DE COMER A QUEM TEM FOME

Generosamente recompensados, os bohemios já se tinham retirado e Beatriz ainda estava sob o magico enlevo d'uma fascinação irresistivel. Queria esquecer, desterrar da imaginação a bella imagem do cantor ambulante, mas todos os esforços que para isso fazia eram impotentes, apparecendo-lhe ella cada vez mais bella e seductora, com a dupla attracção do talento e da desgraça.

E á noute, quando ao espelho, segundo o costume, foi embeber-se na contemplação do collar, deu um grito do pasmo e susto ao vel-o baço, sem brilho nem frescor algum.

As bellas perolas tinham para sempre morrido...

Porto. EDUARDO SEQUEIRA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA 35, LISBOA